

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

A DETECÇÃO E MANEJO PRECOCE DA SEPSE NA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: A ENFERMAGEM FRENTE A REDUÇÃO DA MORTALIDADE

Melissa Tauani da Silva, David Pinto Ribeiro, Amanda Gleice Fernandes
Carvalho.

Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Ciências da Saúde- FCS, Avenida Shishima Hifumi,
2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, tauanimelissa@gmail.com,
davidribeiro@univap.br, amanda.carvalho@univap.br.

Resumo:

A SEPSE é definida como síndrome de resposta inflamatória e seus sintomas podem se apresentar de forma sistêmica ou em um conjunto com a febre, cefaleia, taquicardia, dispneia, confusão mental, agitação, queda da produção de plaquetas e urina, podendo diferenciar e alternar conforme o quadro de cada paciente. Diante disto, o atual estudo busca evidenciar a gravidade da sepse e as taxas de incidência de casos de sepse na oncologia pediátrica e destacar o papel do enfermeiro na identificação da sepse em crianças oncológicas. Trata-se de uma revisão Integrativa de literatura, de natureza qualitativa e descritiva, com levantamento de artigos do ano de 2018-2023. No Brasil as incidências Sepse e óbitos se mostram elevados, chegando a 38.552 casos no Brasil sendo 2,85% de casos por dia com um total de 19,6% de óbitos. Os estudos evidenciam ainda a priorização do diagnóstico e tratamento na primeira hora após a detecção pela equipe de enfermagem leva aos resultados de 40% de diminuição da mortalidade em pacientes pediátricos.

Palavras-chave: Oncologia. Pediatria. Sepse. Neoplasia. Enfermagem.

Área do Conhecimento: Enfermagem.

Introdução:

A SEPSE, também conhecida como infecção generalizada é definida como síndrome de resposta inflamatória sistêmica (SRIS), ou seja, é uma resposta desregulada e excessiva do sistema imunológico, são infecções presente no organismo, e seus sintomas podem se apresentar de forma sistêmica ou em um conjunto de sinais e sintomas, como a febre, cefaleia, taquicardia, dispneia, confusão mental, agitação, queda da produção de plaquetas e urina, podendo diferenciar e alternar conforme o quadro de cada paciente (TELES, et al., 2022).

A síndrome clínica da Sepse é considerada progressiva, onde em sua maior gravidade o organismo entra em estado de disfunção orgânica cardiovascular (choque séptico), progredindo com a falência múltipla dos órgãos em que pode se resultar no óbito do indivíduo (BRANDÃO, et al., 2022).

A Sepse na faixa etária pediátrica é proveniente de uma alta incidência e tem um impacto maior decorrente de um sistema imunológico ainda imaturo no qual colabora para uma rápida deterioração clínica pelo quadro infeccioso (SARGES, et al., 2019).

Já na oncologia pediátrica a incidência, relevância e o impacto de uma sepse tornam-se ainda mais nociva, tendo em vista o sistema imunológico ainda imaturo junto ao organismo imunossuprimido decorrente da exposição a uma neoplasia maligna e seu intenso tratamento que é composto por medicamentos, quimioterapia, radioterapia, dispositivos invasivos, procedimentos cirúrgicos e internações de longo prazo. Diante disto, o atual estudo busca evidenciar a gravidade da sepse e as taxas de incidência de casos de sepse na oncologia pediatria e destacar o papel do enfermeiro na identificação da sepse em crianças oncológicas.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Metodologia

Trata-se de uma revisão Integrativa de literatura, de natureza qualitativa e descritiva, com levantamento de artigos do ano de 2018-2023. Foram realizadas pesquisa e revisão de artigos científicos, das bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Librari (SciELO) e revistas eletrônicas, Para o levantamento bibliográfico foram utilizados os Descritores de Ciências da Saúde (DeCS): Oncologia, Pediatria, Sepse, Oncologia pediátrica, Enfermagem, nas bases de dados: SciELO (Scientific Eletronic Library Online) e BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), além de dados disponibilizados pelo Hospital do Grupo de Apoio a Criança com Câncer (GRAACC). A coleta de dados foi realizada nos meses de junho e julho de 2023, abrangendo o período de 2018 a 2023. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados em português e inglês entre os anos de 2018 e 2023, que retratassem a atuação do enfermeiro na prevenção da sepse e sua identificação precoce nas unidades de Oncologia Pediátrica e a incidência de sepse nessas unidades.

Como critério de exclusão: não se encaixar no tema proposto, ano de publicação anterior há 2018 e publicados em língua estrangeira.

Resultados:

No Brasil as incidências Sepse e óbitos em decorrência da mesma nos pacientes oncológicos na faixa etária pediatria (0-19) se mostram elevados, chegando a 38.552 casos no Brasil sendo 2,85% de casos por dia com um total de 19,6% de óbitos. A cada 139 pacientes oncopediatria, 57 morrem mesmo com suporte de terapia intensiva e 10 chegam a óbito nas primeiras 24 horas (óbito precoce), conforme mostrado no diagrama 1:

Diagrama 1- Relação de casos da Sepse e óbitos na oncologia pediátrica- Com base no GRAACC (Grupo de apoio ao adolescente e à criança com câncer).

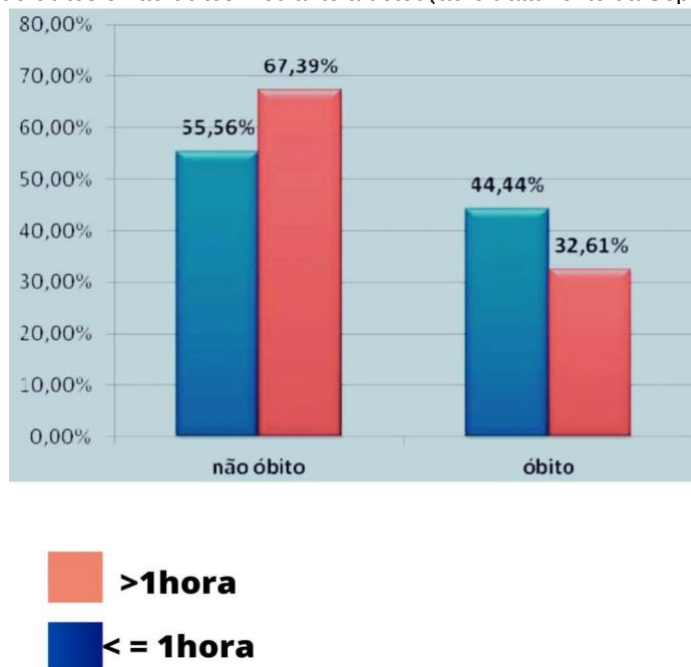


Fonte: Elaborado pelo autor, segundo dados do Hospital GRAACC, 2023.

No gráfico 1 é possível verificar a distribuição da porcentagem de óbito dos pacientes fazendo relação ao tempo da detecção dos sinais e sintomas e tratamento da Sepse, dando ênfase na redução de mortalidade após à detecção precoce da infecção (Identificação e manejo >1hora).

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

Gráfico 1- Relação de óbitos e não óbitos mediante a detecção e tratamento da Sepses, < 1hora e > 1hora.



Fonte: Elaborado pelo autor com base na análise de protocolo de Cortez, Remuska, 2018, e nos dados do hospital GRAACC, 2023.

Discussão:

A OMS (Organização mundial da saúde), define a Sepses como um conjunto de manifestações grave em todo organismo, ocasionada por uma infecção, onde a mesma pode estar localizada em qualquer órgão e presente na corrente sanguínea, sendo ocasionada por vírus, bactérias, fungos ou protozoários. A Sepses é conhecida como infecção generalizada, e se apresenta de forma progressiva, Sepses grave (SG) e choque séptico (CS), se apresentando através de sinais e sintomas diversos como a febre, cefaleia, taquicardia, dispneia, confusão mental, agitação, que podem se alternar dependendo do quadro de gravidade e organismo de cada paciente. Mediante ao descrito, de acordo com CAT, et al., (2020), é correto e primordial que o tempo de detecção da Sepses seja rápido e assertivo, para que assim se inicie manobras que possam prevenir ou reverter a infecção generalizada.

Tendo como parâmetro o quadro de deficiência imunológica do paciente oncológico, CAT, et al., (2020), ainda destaca que a Sepses na faixa etária pediátrica (1 mês-18 anos), acarreta grandes índices de sequelas e mortalidade, além de custos elevados para instituições que prestam cuidados a esses pacientes.

De acordo com Alves, et al., (2023), essa alta letalidade na pediatria oncológica tem como razão a fragilidade do organismo, já relacionada com sua falta de maturidade imunológica perante a idade e maturação dos sistemas do corpo, juntamente a imunossupressão adquirida decorrente do tratamento intensivo da quimioterapia e radioterapia, contando ainda com um fator emocional da criança, levando a rápida deterioração de seu estado clínico.

O autor Silva, et al., (2023), refere que se tratando de incidências no Brasil, chega a 2,85/100 novos casos de sepses em crianças por dia, e de 38.552 de casos no ano, com a taxa de mortalidade de 19,6%, e que os pacientes que tiveram o reconhecimento e foram tratados em menos de 30 minutos após o diagnóstico tiveram a menor mortalidade, reduzida em 40%. O autor evidencia que a principal causa de mortes em crianças portadoras de Neoplasia Maligna, é o agravamento da Sepses, quando o organismo entra em choque séptico, e evidencia que 40% dos pacientes da oncopediatria precisaram de suporte da unidade de terapia intensiva, por conta da Sepses.

Reforça-se ainda, mediante a análise de CAT, et al., (2020), que a detecção precoce, abertura de protocolo e manejo na primeira hora é de grande impacto e primordial para as condutas posteriores ao

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

protocolo de sepse, que são: Avaliação hemodinâmica, exames laboratoriais "Kit Sepse", ressuscitação volêmica, antibioticoterapia e droga vasoativa (DVA).

Dito isso, Enfermeiro dentro do cenário oncológico pediátrico deve ter o olhar clínico atento ao paciente e executar condutas de rotina de forma eficiente, dando a devida importância ao tempo e hemodinâmica da criança.

Conforme o autor Sarges, et, al., (2019), os Enfermeiros devem ser treinados cada vez mais para realizar detecção prematura, pois o mesmo ademais de realizar diagnóstico de Enfermagem e prescrição dos cuidados, é importante peça para disseminação do conhecimento técnico e científico, onde de forma consequente atinge melhorias na redução de incidências de novos casos. Conforme Brandão, et al., (2022), O Enfermeiro ainda é uma ferramenta de suma importância na abertura dos protocolos de Sepse, sendo o profissional com maior contato integral ao paciente, capaz de intervir a infecção ou seu agravamento para a criança, reduzindo diretamente o número de óbitos pela síndrome infecciosa.

Conclusões:

Com base nas análises literárias foi possível verificar que a Sepse além de um problema de saúde pública, é a responsável por grandes incidências de casos na pediatria oncológica, chegando a alarmante taxa de 38.552 casos no ano no Brasil, e que o choque séptico (agravamento da Sepse), é o maior responsável de óbitos. Assim foi possível identificar também que devido a imaturidade do sistema imunológico dos pacientes de faixa etária pediátrica, eles são mais suscetíveis a Sepse, com sua letalidade na margem de 19,6%. O presente estudo identificou a demasiada fragilidade dos pacientes da oncologia pediátrica em relação a infecção, devido a sua imunossupressão mediante ao tratamento quimioterápico, radioterápico, internações prolongadas e procedimentos invasivos, o que leva a rápida deterioração do quadro clínico do paciente.

Destaca-se ainda que o papel do profissional enfermeiro é primordial para a detecção precoce dos sinais e sintomas da Sepse, para detecção prematura da infecção e rápido manejo e intervenção do avanço dela, sobretudo o Enfermeiro como ferramenta essencial para o reconhecimento precoce da Sepse e rápida ação na abertura de protocolos e nas tomadas de medidas, sendo dessa forma uma positiva medida contra a mortalidade. Os estudos evidenciam ainda a priorização do diagnóstico e tratamento na primeira hora após o início dos sintomas, sendo a Enfermagem como principal peça na intensificação e na comunicação multidisciplinar, que leva aos resultados de 40% de diminuição da mortalidade em pacientes com o manejo da infecção em até uma hora, em comparação aos pacientes tratados após 60 minutos.

Referências

ALVES L. De P.; Diagnóstico precoce e o manejo da sepse na pediatria. Revista Eletrônica Acervo Médico, v. 23, n. 4, p. e12550, 15 abr. 2023.

ARAUJO MESQUITA, isabella; MATHEUS LIMA DE SARGES, kevin. BDM: A enfermagem frente à detecção precoce da sepse na unidade de terapia intensiva: uma revisão integrativa de literatura. 22 jul. 2019. Acesso em: 8 ago. 2023.

BEZERRA DE MELO TORRES, S. S. .; BRAZ DA SILVA ARRUDA, E. .; DA SILVA BELONE, J. C. .; DE GODOY TORRES LIMA, A. . ANÁLISE DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NOS CUIDADOS NEONATAIS COM SEPSE NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista Multidisciplinar em Saúde, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 33, 2020. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/remss/article/view/202>. Acesso em: 9 ago. 2023.

BRANDÃO, Ronaldo Guilherme Ribeiro et al. PAPEL DO ENFERMEIRO FRENTE AO PACIENTE COM SINAIS E SINTOMAS DE SEPSE. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, 2022.

CAT, Eduardo Lima et al. Sepse em pediatria: uma ferramenta digital para a gestão do atendimento de primeira hora. Jornal Paranaense de Pediatria, v. 22, n. 1, p. 1-6, 2021.

A era digital e suas implicações sociais: Desafios e contribuições

CARDOSO BOURGUIGNON DA SILVA. Sepsis no paciente oncológico. Mar. 2023. Disponível em: https://graacc.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Hospital-do-GRAACC-Sepsis-no-paciente-Oncologico-Dra-Dafne.cleaned_compressed-2.pdf.

CORTEZ, L. M. M. Diagnóstico precoce da sepsis no paciente oncológico internado Na UTI: uma análise de protocolo / Lígia Miyori Muraki Remuska Cortez. P42. – São Paulo; 2018.

OLIVEIRA, Patrícia Peres et al. Cuidados de enfermagem para pacientes oncológicos neutropênicos: scoping review. Revista Renome, v. 8, n. 2, p. 17-28, 2019.

PAIVA ALVES, Leyce et al. Diagnóstico precoce e o manejo da sepsis na pediatria. Acervo Medico, v. 23, n. 4, p. 7, 15 abr. 2023.

SARGES P S. et al., ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM MEDIANTE A PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DE SEPSIS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA. 16 nov. 2021.

SOUZA, André Luiz Thomaz et al. Conhecimento do enfermeiro sobre o choque séptico. Cienc Cuid Saude, v. 17, n. 1, 2018.

SOUZA, Daniela Carla de; BRANDÃO, Marcelo Barciela; PIVA, Jefferson Pedro. Da Conferência Internacional de Sepsis em Pediatria 2005 ao Consenso Sepsis-3. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 30, p. 1-5, 2018.

SOUZA, Mariana Magalhães de Cerqueira et al. Acurácia do escore pediátrico de alerta no rastreamento da sepsis. 2023.

TELES, Ingrid Saraiva. Fatores predisponentes de sepsis e choque séptico na Oncologia Pediátrica. Tese de Doutorado. Universidade Iguaçu, 2022.